

Reflexão Epistemológica da Pesquisa Netnográfica

Rebeca Recuero Rebs¹

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão da pesquisa netnográfica, congregando pensamentos epistemológicos de autores que atuam na área das ciências sociais. Busca-se assim, traçar um panorama de precauções e sugestões desta forma de abordagem de estudo em comunicação com foco na posição do pesquisador quanto investigador, observador, interagente e descobridor. Verifica-se que a partir da compreensão epistemológica e reflexão crítica dos processos da netnografia, se obtém ferramentas para configurar a pesquisa qualitativa que além de fornecer bases de conhecimento mais sólidas para o pesquisador, permite maior acuidade à aplicação metodológica na pesquisa netnográfica.

Palavras-chave: Epistemologia; Netnografia; Etnografia Virtual; Metodologia; Pesquisa em Comunicação.

1. Dos estudos quantitativos para os estudos qualitativos

A busca pela realização de pesquisas de cunho qualitativo teve início apenas no final do século XIX quando os cientistas sociais (como Dilthey e Weber) começaram a questionar a eficiência dos métodos quantitativos utilizados nas investigações em ciências sociais. Eles argumentavam que os fenômenos humanos e sociais eram muito complexos e dinâmicos para ser possível o estabelecimento de leis provenientes das ciências exatas ou biológicas (ANDRÉ, 1995, p. 16-17).

Com o debate sobre questões qualitativas e quantitativas na pesquisa, surge a perspectiva de conhecimento idealista-subjetivista (ou fenomenológica) que se caracteriza por compreender a realidade como própria do entendimento individual, buscando centrar-se na interpretação em lugar da mensuração e da descoberta em lugar da constatação. Torna-se, então, inaceitável a postura neutra do pesquisador, configurando-se uma nova abordagem de paradigma de pesquisa conhecido por “qualitativa” ou “naturalística” (ANDRÉ, 1995, p. 17). A partir daí,

¹ Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos; Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos.

nascem correntes que focam estudos qualitativos, envolvendo mais de uma disciplina em sua metodologia, como é o caso da etnografia.

Este envolvimento nasce do reconhecimento dos objetos/problemas das áreas das ciências sociais como portadores de tal complexidade que vai exigir a abordagem de várias vertentes teóricas, a fim de se realizar entradas que deem conta das problemáticas da pesquisa. Diversas questões epistemológicas relacionadas com o humano e o social passaram então a implicar nesta ruptura estratégica com as lógicas de proposições não provadas, porém aceitas na construção de teorias científicas. Assim, os estudos qualitativos passaram a confluir um campo transdisciplinar envolvendo ciências humanas e sociais.

Estas pesquisas se baseiam em multiparadigmas de análises, derivados do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teórica crítica e do construtivismo. Isto se deve ao reconhecimento de que paradigmas vão possuir irregularidades, o que inspira contradições e rupturas epistemológicas de formas de pensamento instituídas para determinados estudos (quando aplicadas a novas pesquisas), o que aponta certa ineficiência metodológica, exigindo assim, a estrutura de novos métodos para a pesquisa (KUHN, 1987). Assim, estruturam-se novos paradigmas não “fechados”, que oferecem multimétodos de investigação para os fenômenos a partir de interpretações do pesquisador sobre o objeto (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Wallerstein (1996, p. 134) ao se referir às ciências sociais, afirma que “devemos começar a dizer que o que temos a oferecer não são fórmulas simples e acabadas, mas, antes de mais nada, um conjunto de propostas provisórias que nos parecem apontar na direção correta”. Para o autor, não há mais clareza nas ciências sociais devido à sobreposição de disciplinas (que, de certo modo, dificultou as diferenciações de linhas nítidas entre as disciplinas que acabam por mesclar-se). Assim, pensa-se que, para se adequar a este quadro transdisciplinar, é necessário um pensamento sistêmico para a construção da pesquisa nas áreas sociais.

Maldonado (2008), ao reconhecer a complexidade dos problemas e objetos da área da comunicação, propõe esta articulação de diversas disciplinas para decifrar as relações sociais desenvolvidas neste âmbito. O autor considera o percurso pluri e interdisciplinar insuficientes para dar

conta da problemática comunicacional. Assim, diante do enunciado transdisciplinar, as separações metodológicas perdem seu sentido, sendo necessária uma perspectiva transmetodológica que considera o caráter construtivo da processualidade essencial para a estruturação da área. O método se configura a partir de uma pluralidade de contextos, adquirindo um caráter híbrido que “incorpora e apropria-se de lógicas e modelos teóricos, em confluência e desconstrução, que configuram um real transmetodológico comunicacional” (MALDONADO, 2002).

Partindo da compreensão de que a sociedade se articula com um espaço social mutável e com influência de duplo e constante sentido de questões tecnológicas, políticas, econômicas e culturais, pensa-se ser necessária a aplicação de metodologias elaboradas de forma não estáticas ou “fechadas”, mas de acordo com o observável que está envolvido nesta sistematicidade de relações organizadas em redes.

Por este motivo, a etnografia (assim como os estudos em recepção de forma geral) parece se adaptar tão bem aos estudo em comunicação pois, apesar da etnografia ter a sua origem na antropologia social, hoje ela ultrapassa essas fronteiras, penetrando e congregando teorias provenientes de diferentes disciplinas. Ela não possui padrões rígidos ou pré-determinados de utilização de técnicas e procedimentos, deixando estes a cargo do pesquisador que desenvolve, a partir do seu trabalho em campo, as melhores formas de pesquisar determinado contexto social.

Obviamente, a pesquisa etnográfica não dá conta de todo tipo de objeto/problema em comunicação (e nem é isto que se defende aqui), mas por se tratar de uma metodologia com diversas e flexíveis abordagens de procedimentos e técnicas, ela oferece caminhos por vezes satisfatórios para o percurso da pesquisa empírica, o que implica no seu uso corriqueiro por diversos pesquisadores da área. Entretanto, identifica-se falhas relacionas à reflexão epistemológica que abrange este tipo de pesquisa, por deficiência do pensamento crítico do próprio pesquisador ao determinar o uso desta abordagem metodológica.

Ao encontrar o seu objeto imediato (ou seja, aquele que está dado), o pesquisador inicia um processo “relacional” (no sentido de ambos – objeto e pesquisador – atuarem um sobre o outro), onde há a mistura de percepções e sentimentos extremamente significativa, solicitando a

ruptura com este objeto imediato para, então, a constituição do objeto científico (BACHELARD, 1981). Desse modo, a formulação de um método para determinar a precisão do objeto, definindo a sistematicidade, a potencialidade e a ordem de encontrar conhecimento, são determinados pelo pesquisador a partir de sua reflexão crítica.

Em seu livro “Pensar as mídias”, Mattelart e Mattelart traçam uma breve história sobre os estudos em comunicação, apontando justamente a importância dos estudos empíricos ao longo do percurso científico:

A figura da centralidade deixa de ser a referência real para ceder lugar ao reconhecimento das diferenças, das especificidades sexuais, categorias, locais. O esquema de pensamento mecânico e linear se vê deslegitimado pelo pensamento organicista (os paradigmas propostos pelas ciências da vida tornaram-se, como vimos, referências incontornáveis). Ao método objetivo, será oposta a primazia dos valores; às técnicas quantitativas, técnicas empíricas qualitativas; à atitude lógica, a atitude heurística; ao cognitivo, o intuitivo; à projeção linear, a multiplicidade das escolhas e das opções (MATTERLART e MATTELART, 2005, p. 83).

Verifica-se o interesse dos autores voltado para os estudos que se caracterizam pelas estratégias metodológicas qualitativas. Os estudos em recepção (como, no caso centrado do trabalho, a etnografia) enquadram-se nesta categoria. No entanto, é preciso se ter um pensamento crítico de “como fazer” a pesquisa, dialogando com autores que trabalham métodos e teorias a fim de determinar a metodologia mais propícia para a pesquisa. Mesmo após determinar o caminho adotado para os procedimentos da pesquisa, ainda assim é preciso uma reflexão de como esse conhecimento é estruturado no percurso científico.

Portanto, parte-se para a reflexão da dimensão metodológica da etnografia (aplicada no ciberespaço – netnografia²) com base neste aporte teórico de autores que trabalham tanto com esta forma de fazer pesquisa, quanto autores que são fundadores da constituição do pensamento crítico epistemológico com a intenção de obter-se uma configuração na pesquisa qualitativa mais sólida, crítica e reflexiva na netnografia. Busca-se pensar também na continuidade metodológica da etnografia e nas rupturas que este processo parece preceder quando aplicada no ambiente virtual.

² No trabalho trata-se como sinônimos os termos “netnografia”, “etnografia virtual” e “webnografia”, visto que não se tem como objetivo (no presente momento) realizar uma distinção e discussão da aplicabilidade destes conceitos quanto sua terminologia.

2. Da etnografia para a Netnografia

Para os antropólogos a etnografia é considerada mais do que uma metodologia de pesquisa ou uma técnica de coleta de dados, mas sim um eixo fundador de disciplina. O seu significado terminológico vem do grego, onde *ethno* significa povo, nação e *graphein* escrever, ou seja, o sentido pode ser de uma “descrição sociocultural” de um determinado grupo. Ela se centra na compreensão de sociedades a partir de uma descrição densa de valores, práticas e culturas. Ou seja:

(...) praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os procedimentos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989, p. 15).

O foco da etnografia não visa em atuar ou modificar o lugar/comunidade observado, mas é permitido com que o pesquisador seja ativo na comunidade pesquisada, visto que este será responsável pelas interpretações realizadas a partir dos dados coletados. Assim, é possível modificar-se técnicas de coleta, reorientar a pesquisa, localizar novos sujeitos, re-escrever informações com novas observações.

Segundo Mattos (2001), a etnografia vai trazer grandes contribuições para a pesquisa qualitativa por se preocupar com a análise holística ou dialética da cultura (não a compreendendo apenas como um mero reflexo de forças estruturais na sociedade, mas sim como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e a ação humana). A etnografia introduz os atores sociais com uma participação dinâmica e ativa no processo de transformação e modificação das estruturas sociais, o que faz com que o “objeto” de pesquisa seja o “sujeito” considerado como “agência humana” e sendo imprescindível para o “fazer sentido” na sociedade. Além disso, a etnografia permite revelar as relações de interação social proveniente dos grupos sociais em análise (que estão sob observação do pesquisador), fazendo com o que o sujeito pesquisado seja contribuidor para o significado do universo estudado a

partir de reflexões e reestruturações das formas de questionamento do pesquisador (MATTOS, 2001).

A observação etnográfica permite o contato do pesquisador com o seu “objeto” de estudo (grupos, tribos, comunidades), tornando-se um “membro” da comunidade em análise. O pesquisador submerge no mundo que estuda, participando das interações sociais do grupo (HINE, 2000) e realiza uma descrição densa para depois, ter uma interpretação com base nos dados recolhidos (por parte do autor) que associa os fatos de estar no local, com o participar, o observar e o conversar com os atores sociais em um longo e denso trabalho de campo (ROCKWELL, 1987, p. 7).

Os estudos decorrentes da Indústria Cultural (MOLES, MERTON e LAZARFELD, ADORNO e McLUHAN *in* LIMA, 2005), desde sempre, tentaram explicar as relações da sociedade pela atuação das tecnologias da comunicação e da informação. Apesar das críticas que alguns deles receberam pela sua “radicalidade” para explicar a sociedade por meio de uma visão orgânica dos meios de massa (como MERTON e LAZARFELD *in* LIMA, 2005), ou por meio de análises estruturais a fim de compreender a concatenação da unidade social (BARTHES *in* LIMA, 2005), ou, ainda por meio de uma compreensão dos meios de comunicação como potenciais alienantes e aparelhos ideológicos que observava a sociedade sob determinado distanciamento (ADORNO, MARCUSE, HORKHEIMER *in* LIMA, 2005), ambos os pensamentos partiam de uma compreensão de como se dava a vida social da atualidade na época. Talvez, compreendendo estes estudos culturais sob a ótica etnográfica, por exemplo (ou seja, partir de um estudo de recepção de dentro da sociedade para fora dela, ao invés de estudos “distanciados” do seu objeto empírico), estes autores pudessem chegar a outras conclusões diferentes da visão dos sistemas unidirecionais do processo comunicativo dominado e controlado pelas grandes mídias.

Hoje, a área de estudos em comunicação é ampliada para ambientes que vão além do mundo material. Com as tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), novos grupos, comportamentos e culturas passaram a ser estruturados e apropriados para locais que se inspiram no mundo físico, mas que são ausentes da materialidade para a sua conformação e interação. Fragmentos identitários, lugares, territórios, comunidades virtuais e práticas sociais são visualizadas e suportadas pela

comunicação mediada pela Internet. Este quadro pareceu apontar para fenômenos sociais emergentes que requerem novas maneiras de interpretação. Assim, modos de investigação dos usos sociais, das práticas de comunicação no meio digital solicitam por adaptações metodológicas que deem conta de seu campo. Surgem, então, diversos estudos que se centram na compreensão da cultura visualizada no ciberespaço.

No entanto, do mesmo modo que Eco (2000) observa as posturas “apocalípticas” e “integradas” com relação à cultura de massa, pode-se visualizar posicionamentos diferenciados de pesquisadores que defendem as esferas do ciberespaço com uma aceitação positiva, passiva, acrítica e acolhimento ingênuo de seus fenômenos pelos sujeitos, e a posição negativa, não aceitando de forma nenhuma qualquer padrão cultural que não seja clássico e aristocrático, enxergando este meio como um sinal claro da decadência provocada pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação. Os “apocalípticos” da Internet considerariam o mundo virtual e suas relações virtualizadas como instrumentos de “antiarte” e “superficial”. Já os “integrados” da Internet considerariam o meio puramente repleto de benefícios. Segundo Eco, é necessário não situar-se nos extremos, pois é necessário que se compreenda os fenômenos culturais oriundos deste meio (a Internet) de forma crítica, sem subestimar sua potencialidade ou “idolatrar” suas capacidades. Assim, a pesquisa comunicacional sobre a rede de relações humanas através dos computadores exigiria entradas a campo com um olhar crítico, sem preconceitos e conscientes de suas significações na sociedade atual.

Para pesquisar esses ambientes e suas interações, os pesquisadores tratam de adaptar modelos de outros contextos interacionais para experimentar e compreender como se dão as relações nesses ambientes virtualizados. No entanto, nesses lugares imateriais e sociais sujeitos parecem adaptar-se constantemente, o que implica num esforço do pesquisador para realizar tais ações, gerando improvisações e adequações que demandam combinações e estudos de métodos elaborados para serem aplicados para as relações humanas mediadas pela Internet (BRAGA, 2003).

Então surge a etnografia virtual (ou netnografia³) que tem a intenção de abordar as mesmas características do método etnográfico (ou seja, estudos de práticas sociais, de artefatos que instituem cultura), que volta a atenção para o estudo de práticas, interações, usos e apropriações de meios por grupos e comunidades situadas no universo virtual, ou seja, no ambiente onde a comunicação é mediada pela internet. Entretanto, a netnografia não se constitui apenas de uma transposição do método etnográfico utilizado no mundo offline para o mundo online (AMARAL, NATAL e VIANA, 2009). Ela vai sofrer apropriações delineadas pelas próprias peculiaridades do ambiente virtual que constantemente parece ter processos ressignificados pelas alterações e assimilações de seu espaço e de suas práticas pelos seus atores sociais. Significa que as escolhas do pesquisador no ciberespaço, as relações entre o tempo e o espaço e as próprias formas de interação e constituição identitária no ciberespaço vão trazer peculiaridades aos estudos netnográficos que precisam ser percebidos sob outra ótica de pesquisa no campo científico.

É necessária a submersão do pesquisador no mundo virtual que pretende estudar por um tempo determinado (HINE, 2000) levando em consideração a vida, o comportamento, a sociabilidade dos atores sociais que agem e interagem neste âmbito virtual (MONTARDO e PASSERINO, 2006), ou seja, corresponderia à aplicação das técnicas e princípios etnográficos em sociedades de um universo virtualizado.

Os estudos netnográficos consideram a Internet não apenas como um meio técnico, mas como um artifício produtor de cultura, que afeta a vida social (TURKLE, 1997; HAMMAN, 1996; HINE, 2000). Volta-se para a descrição de realidades sociais virtualizadas, ou seja, de compreensão das novas formas de sociabilidade no ciberespaço.

Hine (2000) foi uma das primeiras pesquisadoras a utilizar a netnografia no ambiente virtual a fim de compreender as comunidades que se formavam no ciberespaço. Segundo a autora “uma etnografia da

³ O termo associa o prefixo *net* (referente à Internet) com *ethnography* e foi cunhado por um grupo de pesquisadores/as norte americanos/as, Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995 (BRAGA, 2003).

Internet pode olhar em detalhes para as formas pelas quais a tecnologia é experienciada em uso”⁴.

Lugares virtuais, blogs, sites de redes sociais, chats, *social games* e jogos de RPG online são elementos caracterizadores da cultura vigente, marcando novas formas de interações mediadas pela comunicação *online*. Assim, o ciberespaço se torna um campo repleto de indícios sociais e característicos de grupos sociais. Ao se referir aos blogs, por exemplo, Amaral, Recuero e Montardo dizem:

Como artefatos culturais, eles são apropriados pelos usuários e constituídos através de marcações e motivações. Além disso, perceber os blogs como artefatos, indica também (...) que são eles o repositório das marcações culturais de determinados grupos e populações no ciberespaço, nos quais é possível, também, recuperar seus traçados culturais” (AMARAL, RECUERO e MONTARDO, 2008)

A análise das práticas sociais na Internet exige, da mesma forma que a etnografia *offline*, uma imersão do pesquisador na realidade cultural a ser estudada, de forma que ele se torne um membro do local, ou seja, um integrante da comunidade em que pesquisa. A netnografia, assim, caracteriza-se pela sua utilização no campo da comunicação, visto que o ciberespaço oferece suportes, elementos, interações e processos sociais extremamente semelhantes aos ocorrentes no universo concreto. Do mesmo modo, o sujeito da atualidade mescla-se com universos *online* e *offline*, não deixando mais clara a separação entre estas duas esferas que compõem a atualidade.

Ao tentar viver *com* e *como* um determinado grupo social específico para uma pesquisa netnográfica, o pesquisador parece debater-se com situações diversas que impossibilitam a aplicação de métodos ou técnicas já pré-estruturadas. Pelo fato da netnografia ser uma forma de pesquisa caracterizada pela imersão do pesquisador em uma comunidade virtual a fim de entender determinadas práticas sociais, acredita-se que não é possível apresentar “receitas prontas” para a coleta de dados, mas sim, caminhos que possam ser abordados de forma a dar conta do objeto pesquisado. No entanto, para a escolha destes percursos netnográficos, é preciso uma reflexão crítica da forma de construir o conhecimento a partir desta forma de pesquisa.

⁴ Tradução da autora para “An ethnography of the Internet can look in detail at the ways in which the technology is experienced in use” (HINE, 2000, p. 4).

Como toda nova forma de fazer conhecimento que entra na sociedade de pesquisa, a netnografia foi bastante criticada por supostas “falhas” ou ausência de rigor científico na forma e exposição dos dados coletados. No entanto, o mesmo ocorreu com a etnografia. Nicholas Thomas (1991), por exemplo, posiciona-se “contra a etnografia” ao criticar a maneira de como os antropólogos têm estudado as sociedades coloniais. Para o pesquisador, há uma tendência de autores, a totalizar questões teóricas a partir de eventos particulares. Ele levanta uma série de questões relacionadas com a etnografia e a validade desse tipo de investigação, questionando o seu rigor científico e a fragilidade do compromisso teórico que a etnografia assumiria frente às ciências sociais.

Outra questão da etnografia que é constantemente discutida é relacionada à representação do processo de pesquisa nos resultados (PEIRANO, 1992). O modo de refletir o que se passou no campo para o que se diz na academia pode consistir em um problema literário. Nicholas (1991, p. 316) resume sua proposição como uma intervenção ao nível da linguagem, dizendo ser importante o estabelecimento de um nível intermediário de escrita entre o universalismo problemático e a ilustração etnográfica. Assim, estas e outras questões entram em debate também na netnografia, configurando um cenário de reflexões, críticas e técnicas que visam aprimorar metodologias e as teorias do conhecimento desta forma de pesquisa qualitativa.

Visando uma reflexão de como os estudos de netnografia são aplicados, busca-se refletir sobre essa forma de metodologia, apontando precauções e possíveis sugestões de abordagem. Para a compreensão de como se dá a pesquisa etnográfica a partir de considerações epistemológicas, leva-se em conta perspectivas (com fins didáticos) do posicionamento do pesquisador (visto que ele é quem determinará melhores métodos e técnicas a serem aplicadas no seu estudo etnográfico). São elas: o pesquisador como “investigador”, como “observador”, como “interagente” e como “descobridor”.

A) O pesquisador como investigador

Ao determinar a realização de uma pesquisa é importante que o pesquisador desempenhe, inicialmente, uma análise documental que vai se caracterizar por ser uma “pesquisa da pesquisa”, coletando dados e informações pertinentes sobre o grupo social a ser estudado no ciberespaço. Esta análise consiste em buscar dados informais sobre o grupo ou ainda formais provenientes de pesquisas que foram desenvolvidas em estudos anteriores e que possam vir a complementar ou contribuir com a pesquisa netnográfica a ser desenvolvida. Faz-se necessário então um trabalho denso de investigação a fim de que se tenha um conhecimento mínimo sobre o objeto.

Com esta análise de documentos e informações prévias sobre o grupo social ao qual o pesquisador vai se inserir, se obtém um prévio percurso possível de ser adotado, tanto teórico como de técnicas e situações que poderão ocorrer. Desse modo, é possível estabelecer-se o aporte teórico que vai delimitar aspectos-chaves para o estudo.

A construção de técnicas e procedimentos vai definir os caminhos a percorrer na pesquisa netnográfica. No entanto, é essencial ter-se em mente o caráter individual do pesquisador, sendo ele determinante, inclusive, para as suas escolhas, análises e interpretações relacionadas ao grupo virtual, ou seja, é preciso uma autoetnografia (KOZINETS, 2007 e AMARAL, 2009).

Segundo Adriana Amaral (2009), as estratégias adotadas pelo pesquisador como participante de uma cultura virtualizada trazem problemas (como a familiarização com a plataforma digital, tipos de entrevistas propostas e os próprios preconceitos) que devem ser enfrentados. Assim, a autoetnografia funcionaria como uma ferramenta reflexiva que permitira discutir os múltiplos papéis do pesquisador e de suas aproximações e subjetividades a partir do momento em que ele se coloca no grupo em análise, capaz de interferir nos resultados do objeto pesquisado. Então, a autoetnografia poderia ser compreendida como sendo uma ferramenta possibilitadora de relatos em primeira pessoa, “na qual elementos autobiográficos do pesquisador ajudam a desvelar diferentes contornos e enfrentamentos do objeto de pesquisa em um fluxo narrativo de cuja análise sujeito e objeto fazem parte.”(AMARAL, 2009).

Japiassu (1981) trata a epistemologia como sendo sinônimo de uma ciência do conhecimento, onde as teorias críticas dos métodos são questionadas, alargando a ideia de epistemologia. Desse modo, o autor questiona a ideia de “verdade” na ciência. Este pensamento vai de encontro com as reflexões e “descobertas” das pesquisas de cunho netnográfico, ou seja, o entendimento da netnografia como um processo de atuação e pensamento de um pesquisador sobre um objeto empírico atua como “verdade” não absoluta, mas sim particular de um estudo que vai vir a contribuir para novas reflexões que abordem metodologias semelhantes. A netnografia, assim, não deve ser pensada como uma metodologia pura, pois conforme analisa Norris (2006), não existem experimentos puros (e nem observações), ou seja, sempre há atravessamentos de diferentes contextos e fatores (provenientes não apenas das experiências do pesquisador como do próprio meio). Dessa forma, o pesquisador intervém, “perturba” a pesquisa, desenvolvendo uma “ação recíproca” que significa não apenas a atuação do objeto na construção do pensamento científico como a atuação do pesquisador no conhecimento empírico.

Mesmo reconhecendo-se a influência do pesquisador a partir de suas experiências particulares (não só na pesquisa netnográfica, como em todas as outras), é importante buscar certo distanciamento do objeto na hora das análises e interpretações dos dados. Gortari (1951) fala da importância deste certo distanciamento do pesquisador na realização de sua entrada a campo. Isso ocorre para um auto-reconhecimento como pessoa, como pesquisador e suas influências no processo de pesquisa.

Assim, quando se fala em metodologias, implicitamente, o pesquisador fala sobre sua identidade a partir do momento em que se determinam padrões de estudo a julgar os caminhos metodológicos da pesquisa. Com a netnografia, as tecnologias da informação e da comunicação parecem tornar a questão mais interessante (ou talvez mais complexa) por interrogar o pesquisador sobre o seu entendimento e compromisso no estudo de sociedades virtualizadas.

Mesmo com o reconhecimento de sua posição quanto pesquisador e quanto sujeito na pesquisa etnográfica, é importante que se tenha informações estudadas anteriormente relativas ao observável. Esta análise

documental se caracteriza pela coleta de dados relacionados com o estudo pretendido a fim de que o pesquisador não entre a campo sem ter, anteriormente, uma bagagem de conhecimento específico sobre sua pesquisa. Busca-se compreender, então, os registros documentais a respeito de usos, apropriações, histórias e características do grupo virtual a serem pesquisado. Estes documentos podem ser informações disponibilizadas na rede, pesquisas desenvolvidas anteriormente, informações informais obtidas por sujeitos que participam e/ou conhecem o objeto de estudo, etc.

A partir desta busca por informações relacionadas ao que se pretende estudar, o etnógrafo adquire também referenciais teóricos que podem vir a dar base para a constituição de pensamentos (GORTARI, 1956) e os métodos adotados para a sua pesquisa ao inserir-se em determinada sociedade virtual.

A formulação deste método vai definir a sistematicidade, a potencialidade, a ordem de encontrar conhecimento. No entanto, para um mesmo objeto teremos várias possibilidades de perspectivas metodológicas, o que sugere uma ruptura com o método único (BACHELARD, 1981). Assim, ao selecionar uma comunidade virtual e a análise de suas identidades, por exemplo, o netnógrafo poderá instituir técnicas de entrevistas em profundidade ou até mesmo histórias de vida para adquirir dados mais consistentes.

Ao focar a análise de comportamentos competitivos em games virtuais (por exemplo), o netnógrafo pode enfatizar a observação participante e a coleta de manifestações verbais que expressem índices de competitividade entre os atores sociais. No entanto, a elaboração teórica para a pesquisa netnográfica não deve ser considerada apenas uma condição prévia. Ela deve ser também uma forma de unir a pesquisa empírica com o processo de construção epistemológica, esclarecendo o processo de conhecimento de uma realidade (virtual ou concreta) que exige a reflexão, a elaboração e construção de conceitos que vinculem os fenômenos observáveis e o aporte teórico utilizado a fim de avançar na pesquisa (ROCKWELL, 1986, p. 49).

Segundo Popper (1975) as teorias são essenciais para a pesquisa. Elas no entanto, nem sempre são perfeitas, carregando erros que devem

ser aprendidos e não cometidos nos próximos estudos. Pode-se compreender, então, que a construção teórica que norteará o método netnográfico deve ter uma configuração de teorias que permeiam vários campos (como produção de sentido, vida social, sistemas de comunicação), não se baseando do ponto de vista de um único autor gerando possíveis dogmatizações (JAPIASSU, 1981). Entretanto é importante não ficar apenas na descrição ou em reflexões teóricas sobre o observável. É preciso a interpretação, a atuação do pesquisador, de modo que o processo interpretativo não seja uma fase auto-suficiente, mas uma fase de contribuição para a pesquisa e a ciência.

B) O pesquisador como observador

A entrada ao campo e a observação dos objetos da pesquisa são partes fundamentais da etnografia e da netnografia. A partir disso, o pesquisador assume a posição de observador, coletando informações para o seu estudo por meio da visualização das interações sociais. No entanto, é preciso ter alguns cuidados, tanto na forma de coletar informações a partir do que vê, como também na maneira de lidar, tratar e relatar estas informações na pesquisa.

Como abordado anteriormente, a pesquisa em ciências sociais necessita ter atuação no mundo “real” (no mundo das coisas, no mundo empírico) e não apenas centrar-se no mundo da abstração e reflexão filosófica. Desse modo, a partir da entrada do pesquisador ao campo (no caso da netnografia, no ambiente virtual), mesclam-se os mundos da vida e da ciência. A entrada no campo, entretanto, deve ter clara a subjetividade dos atores sociais com os quais o pesquisador vai lidar no decorrer do trabalho, a fim de se captar por meio da observação questões que venham a caracterizar situações ocorrentes em uma determinada etapa de tempo. Ainda assim, isto não significa que a busca pela objetividade na pesquisa possa ser delimitada como negação da subjetividade, o que indica que ambas podem percorrer caminhos associados, porém sem totalizações e reconhecendo suas interrelações.

Segundo Boaventura de Sousa Santos:

(...) as ciências sociais não dispõem de teorias explicativas que lhes permitam abstrair do real para depois buscar nele, de modo

metodologicamente controlado, a prova adequada; as ciências sociais não podem estabelecer leis universais porque os fenômenos sociais são historicamente condicionados e culturalmente determinados; as ciências sociais não podem produzir previsões fiáveis porque os seres humanos modificam o seu comportamento em função do conhecimento que sobre ele se adquire; os fenômenos sociais são de natureza subjectiva e como tal não se deixam captar pela objectividade do comportamento; as ciências sociais não são objectivas porque o cientista social não pode libertar-se, no acto de observação, dos valores que informam a sua prática em geral e, portanto, também a sua prática de cientista (SANTOS, 1988, p. 7).

Assim, o pesquisador em comunicação deve ter a consciência da efemeridade e da subjetividade de tratar e observar fenômenos sociais (especialmente relacionados com as TICs, onde a velocidade de transformações e mudanças são cada vez maiores).

Boaventura também atribui o avanço do conhecimento científico pela observação “descomprometida e livre, sistemática e tanto quanto possível rigorosa dos fenômenos naturais” (SANTOS, 1988, p. 4). Desse modo, a partir de uma observação detalhada dos fenômenos naturais (ou, no caso, sociais) em análise e a articulação de suas interpretações com as teorias que sustentam sua base científica, o pesquisador adquire conhecimentos provenientes tanto do mundo empírico quanto do mundo intelectual, o que lhe permite uma construção epistemológica embasada, livre e consciente, não ficando preso em meras reflexões que possam estar dissociadas do mundo “real”.

A netnografia parece apontar para um caráter concreto deste conhecimento científico, impossibilitando a existência de uma “verdade” puramente abstrata, ou seja, é exigido ao pesquisador o contato com o mundo não científico para produzir o conhecimento científico. Os pesquisadores devem assim, entrar em campos formais e informais, pois todos os espaços são questões importantes para pensar o campo epistemologicamente. É necessário fluir o campo, não estando centrado apenas no lado “intelectual” e sendo um pesquisador “vivo”, “ativo”. É como um saber útil que pensa a técnica como uma teoria de fato, não ficando restrito ao formalismo da construção de raciocínios, pois atravessa o mundo da vida.

Japiassu (1981), inclusive, acredita que o “pensar ciência” deve ser sempre de uma forma processual, ou seja, existiriam duas linhas de pensamento: uma caracterizada por ser internalista – caracterizada pelo

pensar as ideias a partir do pensamento do pesquisador – e outra externalista – as ideias não podem estar separadas do sociocultural. Assim, da mesma forma que outras pesquisas em ciências sociais, a netnografia vai exigir a articulação entre o pesquisador reflexivo e filósofo com o pesquisador atuante no empírico.

A entrada a campo vai se constituir, então, no primeiro contato do pesquisador com o grupo social a ser pesquisado. Nesse momento, o netnógrafo passa a “fazer parte” de uma cultura, engajando-se ao seu objeto de pesquisa (KOZINETS, 2007).

A descrição densa e detalhada do que o etnógrafo vê a partir de sua observação é um processo importante para a compreensão e construção de sentido de seu objeto empírico. Mesmo o pesquisador focando uma descrição “total” e completa do campo (GORTARI, 1956) a partir da observação, se reconhece a incapacidade de tal ato, mas busca-se integrar os objetos empíricos de referência (no caso da netnografia, comunidades virtuais ou grupos dos jogadores dos *social games*, por exemplo) a fim de sistematizá-los e conectá-los com os objetos exteriores que o formam (como as origens culturais dos jogadores, políticas internas dos jogos, dinâmicas sociais, etc), constituindo o objeto empírico.

Entretanto, para a descrição das práticas sociais virtualizadas a partir da observação, é preciso se ter fundamentos teóricos embasados a fim de constituir descrições sistematicas. Braga diz que:

Para além dos processos de observação e levantamento de indícios, precisa-se, naturalmente, de fundamentos teóricos na base de um estudo de caso. Uma visão empiricista que pretendesse extrair conhecimento diretamente do material ou situação observada, «a olhos nus», não iria muito além de descrições superficiais, de senso comum ou em perspectivas idiossincráticas. (BRAGA, 2008).

Desse modo, compreende-se que a observação no campo não deve partir em interpretações sem teorias que sustentem tais conclusões atingidas pelo pesquisador, pois pode cair no erro da superficialidade (que é tão criticada na pesquisa etnográfica por outros autores).

O netnógrafo, assim, observa, descreve e paralelamente interpreta os fatos que ocorrem a sua volta com base na teoria e conhecimento adquirido. A partir disso ele seleciona os contextos em que serão considerados significativos para a sua pesquisa. No entanto, conforme

aborda Rockweel (1986), ao se deparar com o “caos” da realidade do outro, podem ocorrer juízos imediatos etnocêntricos por parte do pesquisador. Assim, é necessário que se “suspenda” tal juízo ao máximo a fim de construir um objeto que dê conta da organização peculiar do contexto social em análise. É neste momento que o duplo processo de observação e interpretação podem enriquecer a teoria (ROCKWELL, 1986, p. 50).

Em um primeiro momento esta observação não precisa ser, necessariamente, de forma a interagir diretamente com os atores virtuais. Este fato é facilitado pela comunicação mediada pela Internet que permite (por vezes) ao pesquisador “andar por entre” os lugares de sociabilidade virtual sem ser, necessariamente, notado. Entretanto, chegar-se-á em um momento que a observação a partir do “fazer parte”, atuando, conversando e participando das formas culturais do grupo pesquisado se fará importante para o processo netnográfico.

Pensando nos aspectos metodológicos da pesquisa sobre o *newsmakink*⁵, Wolf (1995, p. 81) diz que todo estudo neste objeto passa pela técnica de observação participante e, por este motivo, é possível se obter informações com dados importantes sobre as rotinas produtivas que operam nas indústrias da mídia de massa. O autor diz que a abordagem etnográfica permite a observação (teoricamente orientada) das práticas sociais efetivas que darão lugar à produção cultural.

Os dados são recolhidos pelo investigador presente no ambiente que é objecto de estudo, quer pela observação sistemática de tudo o que aí acontece, quer através de conversas, mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas com as pessoas que põem em prática os processos produtivos. Os critérios específicos que presidem à recolha e à estruturação do material observativo que foi sendo acumulado podem ser diversos, o que importa é que a fase de observação, isto é, da presença do investigador no local, esteja sempre ligada a hipóteses de pesquisa, seja orientada segundo pressupostos teóricos precisos e não indiferenciada e casual. A observação desenrola-se, pois, dentro de dois limites que promovem o seu insucesso: por um lado, a insignificância e a ausência de um plano de pesquisa, por outro, e inversamente, a imposição de uma selecção rígida do material observável. Quanto ao modo como o investigador se comporta na cena social que está a analisar, pode, igualmente, haver amplas variações que vão desde uma atitude de

⁵ Aperfeiçoando as investigações do Gatekeeper, o Newsmaking investiga com maior detalhe a cultura de trabalho dos profissionais de mídia. Estudam assim o processo de industrialização das informações fornecidas pela realidade, processo este utilizado pelos profissionais da mídia para avaliar o valor de uma informação como notícia.

COMUNICOLOGIA

Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília
ISSN 1981-2132 – Nº 8 – 2011.1

observador passivo, que reduz ao mínimo as interações com os indivíduos analisados, até uma atitude mais participativa e integrada. Contudo, mais cedo ou mais tarde, o observador atinge um momento em que o seu papel corre o risco de se confundir com o de participante a título inteiro na actividade observada (WOLF, 1995, p. 81).

Verifica-se que na observação participante deve se ter cuidados essenciais tanto para possíveis interferência em demasia, quando para interferência em escassez. Também observa-se a flexibilidade dos estudos etnográficos (e netnográficos) quanto aos seus procedimentos selecionados a fim de dar conta do problema de pesquisa.

Por se tratar de uma observação participante, interferências do pesquisador nas relações sociais são comuns. O pesquisador pode realizar identificações por projeções nos outros, pela própria natureza do ser humano (MORIN, 1986), interferindo, de certa forma, no seu objeto de pesquisa (e nas suas anotações) e, também, pela sua presença no ambiente social. Hine, inclusive, enfatiza a participação do etnógrafo no grupo social que pesquisa.

O etnógrafo não é um simples voyeur ou um observador desengajado, mas é, em certo sentido, um participante compartilhando algumas das preocupações, emoções e compromissos dos sujeitos pesquisados. Essa forma estendida depende também da interação, em um constante questionamento do que é possuir uma compreensão etnográfica do fenômeno (HINE, 2000, p.47)⁶.

Ao pensar nos seus caminhos de pesquisa, o netnógrafo deve ter a consciência de que existem ideologias particulares de si que podem influenciar suas atitudes e interpretações (daí a importância de uma autoetnografia, conforme já explicitado). Do mesmo modo, o observável também possuirá suas particularidades provenientes de individualidades de experiência que estará sob influência de todos os campos (inclusive das ciências biológicas, naturais e, até mesmo do sobrenatural) (MORIN, 1986). Assim, para compreendê-lo e realizar uma observação participante que forneça dados sustentáveis, é preciso se ter uma consciência de todas as estruturas (científicas ou não) que agem no grupo social em análise.

No entanto, para o trabalho científico onde o pesquisador lida com atores sociais (como é o caso das pesquisas em ciências sociais) a partir de observação de suas práticas culturais, suas interações e intervenções

⁶ Tradução livre para "The ethnographer is not a simple voyeur or disengaged observer, but is also to some extent a participant sharing some of the concerns, emotions and commitments of the research subjects. This extended form of experience depends also on interaction, on a constant questioning of what it is to have an ethnographic understanding of a phenomenon".

no seu âmbito por meio de entrevistas ou histórias de vida (por exemplo), são necessários certos cuidados éticos. No caso de pesquisas no mundo virtual, estes cuidados éticos ainda oferecem muitas questões não solucionadas como, por exemplo, os problemas em apresentar imagens de avatares sem autorização de seus “donos” ou “criadores”; a observação acadêmica e coleta de informações em Fóruns de discussões sem prévio aviso ao responsável pelo lugar virtual; a conversação com sujeitos através de *chats* e a gravação destas mensagens sem comunicar o interagente ou ainda sem identificar-se como um pesquisador. Mesmo reconhecendo estes problemas oriundos do desenvolvimento da pesquisa virtual, a ética no ciberespaço continua sendo um campo obscuro por sua não delimitação (ainda) e tratamento no universo virtual.

Para a netnografia (compreendendo o seu caminho de captura de informações na Internet provenientes de pessoas físicas e não apenas de informações textuais passadas por uma edição) se sugere que:

(...) o caminho eticamente recomendável, é que o pesquisador se identifique e identifique o interesse de sua pesquisa, pedindo as permissões necessárias para o uso das informações obtidas em postagens e em conversas com os participantes das comunidades e fóruns. Além da garantia de confidencialidade e anonimato aos informantes, tratando-os por pseudônimos e não por seus nomes de usuário, incorporando na pesquisa as respostas e feedbacks vindas dos participantes ativos das comunidades. Além de eticamente recomendável, para Kozinets (2002), a checagem de dados com os próprios membros do grupo, legitima e acrescenta credibilidade à pesquisa. Através dos membros do grupo e da solicitação de suas opiniões, pode-se chegar a insights e conclusões além das observadas em campo (AMARAL, NATAL e VIANA, 2009).

c) O pesquisador como interagente

Interagente⁷ designa o sujeito que executa determinada ação e ainda participa ativamente da construção da interação entre os atores sociais (PRIMO, 2003). Ao participar da comunidade ao qual o pesquisador está realizando o seu estudo netnográfico, ele automaticamente interfere no meio e torna-se, assim, um interagente. Do mesmo modo, visando compreender práticas sociais que se dão no grupo específico, ele busca estar com os atores sociais e viver como eles, ou seja, busca “tornar-se um igual”. Isso faz com que a interação seja necessária.

⁷ Termo cunhado por Primo (2003).

Verifica-se que também na observação participante, a interação e “interferência” do pesquisador no grupo social já ocorrem. Entretanto, nas interações por meio de entrevistas, conversas informais e a busca por compreender usos e apropriações sociais em artefatos culturais no ciberespaço, permitem que esta participação nas interações sociais seja visualizada de forma mais clara (ou seja, de forma “ativa” e não como uma mera observação “passiva”, conforme relatado anteriormente).

O modo de abordagem do pesquisador quanto interagente vai depender de sua necessidade e objetivos na pesquisa. Rodrigo Alsina (1995), afirma que *“un modelo, para que tenga cierto futuro, debe ser lo suficientemente flexible para integrar las nuevas realidades comunicativas y las consiguientes nuevas relaciones de los elementos del processo productivo”* (ALSINA, 1995). Entende-se assim, que a partir da escolha da netnografia como percurso metodológico central, o pesquisador pode formular modelos “atuais” para o seu observável, ou seja, procedimentos metodológicos que se adéquem ao problema de pesquisa envolvendo as práticas de seu grupo social em análise (como entrevistas, histórias de vida, conversas informais, análises do discurso, etc). Do mesmo modo, Wallerstein (1996) trata de um novo tipo de objetividade na pesquisa que se caracteriza por ser plausível para as premissas mutáveis da ciência, ou seja, ela deve ser construída de acordo com as necessidades do pesquisador. Significa que modelos metodológicos fechados e inflexíveis não parecem dar conta mais dos objetos e problemas das investigações em ciências sociais, o que sugeriria a utilização de variadas técnicas a fim de obter dados significativos e complementares entre si para futuras considerações relevantes a partir da utilização de uma pesquisa netnográfica.

Alsina (1995) percebe também que a competência comunicativa não apenas se refere a uma capacidade linguística, mas também psicológica, social e cultural. Compreende-se então, que cada sociedade poderia ser responsável por gerar um modelo comunicativo próprio, como é o caso das comunidades virtuais que parecem apropriar-se de aplicativos, situações e lugares virtualizados para restabelecer novas práticas que facilitem o processo interacional entre os atores sociais no ciberespaço. É

o caso da construção de *emoticons*⁸, de gírias, abreviações e de comportamento que surgem na comunicação mediada pela Internet. A partir disso, constata-se como fundamental a compreensão destas linguagens, tanto como para o processo de entendimento e interação do grupo virtual, como também como uma forma de cultura produzida e apropriada por eles.

Para registro dos dados coletados, etnógrafos utilizam um “diário de campo” que vai se caracterizar por ser um local (no caso da netnografia pode ser uma pasta virtual, pendrives, etc) onde todos os dados observados e coletados dos discursos travados entre os membros do grupo virtual e o pesquisador vão estar assinalados.

Desse modo, formas de coletar dados, técnicas utilizadas e procedimentos selecionados para darem conta da pesquisa netnográfica, devem ser explicitados, colocando suas múltiplas intervenções ao conhecimento acadêmico, sejam elas pelas observações, por entrevistas, por histórias de vida, maneira de organizar os pensamentos, etc. Isso permite com que as escolhas metodológicas de entrada a campo, foquem-se em encontrar explicações e sentidos de suas escolhas a fim de consentirem uma melhor compreensão do mundo (no caso do observável) (MORIN, 1986).

Pelos motivos da etnografia estar centrada no discurso da compreensão cultural dos sujeitos, ela não se situa apenas no discurso textual, mas também em análises do comportamento dos sujeitos. Claramente, estas observações visuais centradas no corpo são dificultadas na netnografia pelo fato de que se tem um avatar como intermediador do sujeito e de sua fala. No entanto, a partir do reconhecimento dos ambientes online e da inserção no grupo virtual (nas fases do pesquisador como investigador e como observador) aprende-se linguagens e formas de expressão características dos grupos virtuais. Este aprendizado e reconhecimento prévio destas formas de manifestações culturais através da Internet irão facilitar o processo de aproximação e compreensão dos relatos travados entre o pesquisador e os atores sociais (como as

⁸ *Emoticons* são sinais como ☺ (rosto feliz); ☹ (rosto triste) que significam expressões humanas na Internet.

entrevistas e as histórias de vida), nos quais se busca coletar informações não adquiridas apenas pela observação participante.

As entrevistas, por centrarem-se em indivíduos (mesmo que pertencentes a um mesmo grupo) vão apresentar diversidade de informações. Este fato é esperado devido à subjetividade dos seres humanos. No entanto, é preciso buscar-se pontos referentes que possam ser norteados por questões-chave. Segundo Maldonado (2001) “as pessoas comunicam acerca de sua subjetividade, a respeito do seu microgrupo social e de seu contexto espaço-temporal imediato”.

Compreende-se que cada sujeito vai trazer suas particularidades sobre um determinado assunto e informações indicadoras de possíveis “respostas” para as questões procuradas na pesquisa. Com as informações oriundas destas conversas particulares, é possível então, ter-se a universalidade a partir da triangulação proveniente de interpretações baseadas em teorias e dados coletados anteriormente pelo pesquisador.

No momento da aquisição de relatos dos sujeitos do grupo em análise (seja por meio de entrevistas, como por meio de relatos de vida, por exemplo) é necessário que o netnógrafo se coloque no lugar de pesquisador sem perder o caráter de integrante do grupo social. Este procedimento se dá com intenção de não se adquirir da conversa informações do entrevistado com a tentativa de construir supostas “respostas esperadas” pelo entrevistador (causadas pelo desconforto do indivíduo perante o pesquisador). Ainda se deve evitar o surgimento de informações irrelevantes que expressem intimidade e desvios do foco da entrevista pela proximidade entre o entrevistado e o netnógrafo (causadas pelo desenvolvimento do processo de inserção do pesquisador no grupo social). Sugere-se então não se situar apenas no universo acadêmico e teórico e nem apenas no universo da vida e empírico, a fim de ser possível a construção de informações que discorram com ambos os universos de modo que venham a constituir uma pesquisa netnográfica com bases científicas sólidas.

D) O pesquisador como descobridor

Após a coleta dos dados obtidos pela investigação, pelas observações e interações com o grupo social no universo virtual, o

pesquisador vai realizar uma concatenação dos dados, desenvolvendo uma análise a fim de interpretar as informações e associá-las aos seus achados.

A interpretação científica com objetivos de construir conhecimento, só deve ser realizada após todas as etapas sugeridas na descrição metodológica da pesquisa, a fim de se ter um fundamento de pesquisa sólido. É o que fala Maldonado ao dizer que a interpretação científica em si, é possível depois de se ter efetivado uma descrição detalhada e sistemática do objeto, pois é a partir dela que se tem fundamentos empíricos, confrontos com a realidade dos processos e dos fenômenos e, assim, se torna aplicável, reformulada e superada (MALDONADO, 2001, p. 47).

Segundo Adriana Braga (2006), esta análise dos dados a partir dos materiais coletados pelo netnógrafo é importante para conservar informações sociais culturais de determinados momentos de um grupo ou comunidade, oferecendo assim, uma construção epistemológica que ficará à disposição de novas pesquisas relacionadas ou semelhantes ao tema.

(...) o/a etnógrafo/a interpreta o acontecimento ocorrido, materializando o discurso social em relato, em documento que pode ser consultado em qualquer tempo, conservando assim o momento, o sentido para estudo e pesquisa. Assim, acredito que a técnica etnográfica, por seu investimento na experiência do/a pesquisador/a como fonte de dados, se constitui num aporte teórico promissor para lidar com objetos de pesquisa oriundos da CMC, o que, evidentemente implica em aprofundamento teórico, impregnação dos dados de campo e, possivelmente, diálogo interdisciplinar com pesquisadores/as ligados/as a esse método na sua acepção mais tradicional (BRAGA, 2006, p. 4).

Do mesmo modo, observa-se que Braga enfatiza a eficácia da etnografia para a pesquisa em comunicação centrada em ambientes *online*, deixando clara a importância das etapas teóricas e empíricas, assim como a multiplicidade de disciplinas e procedimentos que podem ser adotados.

Apesar da netnografia poder ser conduzida de forma mais rápida que a etnografia (pois não necessita do deslocamento físico do pesquisador), o processo de contextualização da pesquisa exige uma processualidade e uma dinâmica particular a fim de superar certas dificuldades particulares das entrevistas no ciberespaço (como problemas com a conexão ou a assincronicidade das conversas). Assim, as

interpretações do lugar, do objeto e das práticas sociais virtuais podem ocorrer em temporalidades diferentes do mundo físico.

Fuentes (*in* LOPES, 2003, p. 240) afirma que os estudos dos usos socioculturais observados na comunicação mediada pela Internet necessitam de uma abordagem que convém partir de uma distinção analítica entre as várias funcionalidades comunicativas que são possíveis de serem realizadas no meio a partir de seus distintos serviços na rede. Desse modo, a análise das trocas nas relações socioculturais entre sujeitos e sistemas do ciberespaço vão ampliar a compreensão da organização da vida cotidiana e de suas representações cognitivas, permitindo que se tenha conhecimento das novas distribuições das posições de poder e controle dos espaços e do tempo de que as comunidades virtualizadas dispõem.

A partir dessa compreensão, a pesquisa comunicacional no campo das TICs vai exigir um rigor metodológico do mesmo modo quando aplicada em outros espaços simbólicos nas ciências sociais, além de ser essencial o seu reconhecimento na sistematicidade dos fenômenos sociais. Entretanto, mesmo com o cuidado na execução dos procedimentos metodológicos da pesquisa e de suas interpretações a partir da reflexão dos resultados, o pesquisador enquanto descobridor deve ter a intenção de formular novos pensamentos ou descobertas que venham à acrescentar ao campo.

Com os resultados efetivos, o campo das ciências da comunicação se mantém em constante construção a partir das novas descobertas e formulações desenvolvidas pelos investigadores da área, propiciando novas demandas de pensamentos comunicacionais instituídos em pesquisas que articulam teorias e práticas.

Considerações finais

Partindo de uma reflexão da construção do conhecimento da pesquisa netnográfica, buscou-se articular os estudos em epistemologia com as práticas etnográficas no universo virtual. Desse modo, relataram-se procedimentos, cuidados e sugeriu-se caminhos reflexivos a partir da

formulação de um pensamento crítico da pesquisa em comunicação, especificando a netnografia.

Com uma breve abordagem do contexto de surgimento da introdução das pesquisas qualitativas e a utilização de transmetodologias nos estudos em comunicação, tentou-se apresentar a etnografia (assim como a netnografia) como sendo um método que permite a atuação de variadas disciplinas, técnicas e teorias de acordo com o que o objeto/problema de pesquisa exige. Entretanto, como todas as formas de metodologia, ela implica em noções críticas para constituir sua trajetória de conhecimento e instituir-se como procedimento científico de valor.

Uma das marcas atuais que caracterizam os estudos de Comunicação é o crescimento de análises auto-reflexivas, ou seja, a crítica da própria prática de pesquisa. A partir disso, buscou-se levantar pontos de reflexão de uma ciência sobre si própria, pensando sobre seus procedimentos, seu valor e seus resultados (LOPES, 2003, p. 10) a partir da reflexão em um processo de netnografia.

Viu-se que o processo netnográfico pode ser visualizado como sendo proveniente de uma cultura instrumental que exige a necessidade de procedimento e formulações metodológicas de pesquisa científica. No entanto, hoje parece existir uma nova cultura de pesquisa em comunicação que não visa mais a instituição de um método soberano, mas sim o suporte de “heranças” metodológicas (já estruturadas no passado) para oferecer novas formas de pensar os processos epistêmicos da comunicação. Assim, a netnografia pode ser pensada como uma adaptação destes métodos construídos anteriormente, pois baseia-se em outros pesquisadores, constituindo uma nova metodologia “original”.

Também foram identificados quatro posicionamentos do pesquisador no campo de pesquisa com fins didáticos para a descrição e reflexão epistemológica da pesquisa netnográfica, sendo eles o pesquisador como “investigador”, como “observador”, como “interagente” e como “descobridor”. A compreensão destas posições não se centra individualizada, podendo estar ocorrendo mutuamente, sem necessariamente delimitar o começo e o término de uma ou outra.

É importante enfatizar que nenhum paradigma entra de forma gratuita na sociedade de pesquisa, ou seja, ele flui no meio acadêmico por meio de adaptações, evoluindo e gerando novas respostas aos problemas (KUHN, 1987). Assim, na caminhada histórica da ciência, gerou-se discursos e teorias que foram desenvolvidos e constituídos pelos pesquisadores. No entanto, esse discurso é misturado, ou seja, ele tem marcar filosóficas, estruturais, culturais em sua presença, adaptando-se ao meio de forma sistêmica, assim como as formas metodológicas como a netnografia.

No desenrolar do esforço científicos sempre vão encontrar insuficiências metodológicas, tanto em outros métodos, como na própria netnografia. Desse modo, chegar-se-á a um momento onde o método será insuficiente, o que implica em uma necessidade de se estruturar novos métodos a partir da reflexão epistemológica sobre as formas de se fazer pesquisa e a eficiência de procedimentos e técnicas adotados para dar conta de um determinado observável no campo comunicacional.

A netnografia, assim, é uma forma de abordar o conhecimento científico que está em constante adaptação, utilizando-se de métodos e procedimentos já desenvolvidos como formas de inspiração a fim de rearranjar e organizar modelos metodológicos que transcrevam e dialoguem de forma mais adequada ao modo de constituir a epistemologia, em especial, na comunicação mediada pela Internet.

Referências

ALSINA, Rodrigo. **Los modelos de la comunicación**. Madrid: Tecnos, 2ª edición revisada y ampliada, 1995.

AMARAL, Adriana. Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. **Revista Fronteiras – estudos mídiáticos**. Janeiro/Abril, 2009 Disponível em: <<http://www.frenteiras.unisinos.br/pdf/62.pdf>>. Acesso em: 12/12/2010.

AMARAL, Adriana, NATAL, Geórgia e VIANA, Lúcia. A Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. In: **Comunicação Cibernética**. Disponível

COMUNICOLOGIA

Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília
ISSN 1981-2132 – Nº 8 – 2011.1

em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>>. Acesso em: 11/07/2010.

AMARAL, A., RECUERO, R., MONTARDO, S. (orgs) (2009). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. SP: Momento Editorial, 2009. Disponível em <http://www.sobreblogs.com.br>. 292pp

ANDRÉ, M.E.D.A. **Etnografia na prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BACHELARD, Gastón. **A epistemologia**. Lisboa: Ed. 70. 1981.

BRAGA, Adriana. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. **UNIrevista** - Vol. 1, nº3 : julho 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Braga.PDF>. Acesso em: 10/01/2009.

BRAGA, José Luís. Comunicação, disciplina indiciária. **Revista Matrizes**, v. 1, p. 73-88, 2008.

CHIZZOTTI A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. Revista Portuguesa de Educação. São Paulo: Cortez; 2003. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>>. Acesso em: 12/07/2010.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**, São Paulo: Perspectiva, 1979

FUENTES, N. Raúl e LOPES, M. M. (comps.). **Comunicação, campo y objeto de estudio/Perspectivas reflexivas latinoamericanas**, Guadalajara, México, ITESO: Universidad de Guadalajara, 2001.

GORTARI, Eli de. Domínio de La lógica e Estructura Del conocimiento. In **Ontroducción a La lógica dialéctica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1956, p. 11-43.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000

JAPIASSU, Hilton. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

KOZINETTS, R. "**Netnography 2.0**". In: R. BELK, (ed.), 2007.

KUHN, Thomas. **Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987. P. 9-104.

COMUNICOLOGIA

Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília
ISSN 1981-2132 – Nº 8 – 2011.1

LIMA, L. C. **Teorias da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

LOPES, M. M. (org). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MALDONADO, A. Efendy. Visualizações epistemológicas. In: **Teorias da comunicação na América Latina**. São Leopoldo, Unisinos, 2001, p. 13-132.

_____. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica". In: **VI congresso latinoamericano de investigadores de La comunicación/Ciencias de la Comunicación y Sociedad: un diálogo para la era digital**, 2002, Santa Cruz de la Sierra/Bolivia. Memoria académica alaic-2002. Santa Cruz de la Sierra : Universidade de Santa Cruz de la Sierra (UPSA), 2002. v. 1.

_____. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios de século XXI. In: **Perspectiva metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora UFPB, 2008, p. 27-54.

MARTÍN BARBERO, Jesús. Comunicación y culturas en America Latina. **Revista Anthropos/Huellas Del conocimiento**, n. 219, 2008.

_____. Retos a La investigación de comunicación en America Latina. In: J. Martín Barbero, **Procesos de Comunicación y matrices de cultura/Itinerários para salir de La razón dualista**. Barcelona: Gustavo Gili, 1988, p. 82-97.

MATTELART, Armand & MATTELART, Michele. **Pensar as Mídias**: São Paulo. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana Maria. **Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações**. Cinted-UFRGS, v. 4, n. 2, dez./2006. pp. 1-10.

MORIN, Edgar. O método, vol. 3, **O conhecimento do conhecimento**. Lisboa: Europa-América, 1986. p. 120-230.

NORRIS, Christopher. **Epistemologia, conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 3-58.

COMUNICOLOGIA

Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília
ISSN 1981-2132 – Nº 8 – 2011.1

POPPER, K. R. **Conhecimento objetivo**. São Paulo: EDUSP, 1975, p. 13-192.

ROCKWELL, E. Etnografia e teoria na pesquisa educacional. In: Ezpeleta, J. & Rockwell, E. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez, 1986.

_____. **Reflexiones sobre el proceso etnográfico**. México: DIE/CINVESTAV, IPN, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências**; Edições Afrontamento: Porto; 1988.

THOMAS, Nicholas. **Against Ethnography**. **Cultural Anthropology** vol. 6(3), p. 306-322. 1991.

WALLERSTEIN, I. **Para Abrir as Ciências Sociais**, Relatório da Comissão Gulbenkian sobre a reestruturação das Ciências Sociais, Lisboa: Europa América. 1996.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1995.